Luiz Gonzaga de Souza

Da Academia Potiguar de Artes e Letras

FRAGMENTOS D'ALMA

1.ª EDIÇÃO

NATAL.
TYP. "SÃO JOSÉ"
1938

Luiz Gonzaga de Souza

Da Academia Potiguar de Artes e Letras

FRAGMENTOS D'ALMA

1.ª EDIÇÃO

À inteligencia lúcida e arrebatadora do poeta Antonio Soares Filho

ofereço

Luiz Gonzaga de Souza

Natal, 8/9/938

NATAL
TYP. "SÃO JOSÉ"
1938

Aos Drs.:

Eloy de Souza,
Henrique Castriciano de Souza,
Armando China,
Dioclecio D. Duarte,
Antonio Freire,
Matias Maciel,
Raymundo de França,
Adherbal de França
e Jayme dos G. Wanderley

como prova de gratidão
oferece

Luiz Gonzaga de Souza

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
Nº. Reg. 23.497

Aos meus pais, minha noiva e meus irmãos como prova de inmorredoura amizade.

Biblioteca do Instituto Histórico
e Geográfico do Rio Grande do Norte
DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO
ANTONIO SOARES FILHO

PREFACIO

Aí está, nas mãos do leitor, um pequenino livro de versos —monumento que demonstra a grandeza da potencialidade de um poeta que nasce.

Ditou-o a fantasia de um menino de desoito anos, Luiz Gonzaga de Souza.

Muito jovem ainda, incapaz de vestir os seus versos pelo figurino do ultimo grito, refratário ás modernas sensações não febris, mas febricitante dos nossos fazedores de rimas, ha, contudo, na sua arte, uma sinceridade quasi ingênua de emoção, de que reçuma, a espaço, como a agua de uma ánfora muito cheia, a dolorosa angustia de sua alma.

E esta dôr sentida derramá-se pelos seus versos, que palpitam como carne, cuja cadencia e cujo ritmo, são de uma finura e de uma elegancia espontanea e nativa, sejam êles alexandrinos, decasilabos ou simples redondilhas.

O ritmo de seus versos è volante e variavel, plastiza-se

sem impetuosidade de saltos, o que lhe aviva a expressão, mesmo das coisas mais banais.

«Lamentos de um simples», "Um desgraçado" e "Rosa Maria", representam um conjunto admiravel de estrofes fluentes, notando-se, sobretudo, o traço da originalidade, o vivo efervecente do realismo.

Conquanto reflitam os mais variados estados de alma e lhes faltem algumas vezes o vigor da arte e a tecnica precisa, salva-os uma naturalidade que traduz com exatidão os temas cantados.

O autor reconhece os defeitos que andam pela sua obra, porem não os quiz modificar com receio de perder o sabor virginal de quando foi elaborada.

Realmente, é justo não comentar os deslizes, ao sabermos que na época em que estes versos foram compostos, o autor nada tinha de conhecimentos do emaranhado labirinto da literatura. A influencia mental sofrida depois, é devida, em parte, a Academia de Letras do Ateneu, sociedade que congrega em seu seio, uma pleiade vigorosa de moços, estimulando-os e incentivando-os ao dinamismo das idéas e alevantamento clássico da inteligencia embrionaria.

Luiz Gonzaga zomba dos moldes e põe em fôco, victoriosamente, a técnica passadista. E' um romantico. Os seus versos estão cheios de uma mocidade que ama, que tem sonhos e que fica triste. «Quem sabe se a tristeza mesmo não é uma função das almas alegres ?»

Indubitavelmente, não ficará aqui, neste volume, a sua coragem de transpôr essa formidavel estrada que surge diante dos moços. Colherá a cada passo uma flôr mais bonita, encherá as mãos a cada instante de frutos mais avermelhados.

"Fragmentos d'alma", é algo de novidade em nosso ambiente. Esperemos, agora, que o poeta é jovem, o livro que o consagre.

Ruy G. Camara

FRAGMENTOS D'ALMA

SONETOS

Se alguem mostrar-se esquivo, indiferente
Ao meu sofrer... passai tranquilamente
Por essa alma tão cheia de maldade !

Mostrai por toda parte que a grandeza,
Não existe no seio da riqueza,
E sim, no coração da humanidade!

Sonho e Realidade

Uma noite eu sonhei... Eras uma princeza
E tinhas sob os pés milhares de brilhantes
E um monte colossal de rútilos diamantes...
Eras a dona enfim da madre natureza.

Eu era um sonhador... Toda a tua grandeza
Pelo mundo cantava em versos deslumbrantes...
Recebendo a sorrir beijos alucinantes
De uma linda mulher... e aplausos e riqueza...

Acordei... Junto a mim, partido em mil pedaços
Estava o teu retrato e então sobre ele os laços
De fina seda azul que ha anos eu te ofertei...

Comecei a ohorar... Adormeci chorando
Porem logo acordei... Junto a mim, soluçando,
Estavas, meu amôr... Eu quiz falar... Chorei...

Natal, 31—3—937

Essa mulher

Ao Manoel Vargues Matoso

Essa mulher que vês tão mal trajada,
Pela rua, implorando a caridade,
Já foi durante a sua mocidade
Uma virgem formosa e delicada.

Ia sempre elegante... perfumada...
A's festas da mais alta sociedade...
Era a moça mais linda da cidade
Por centenas de votos consagrada.

Esteve anos na Furopa. Viu Veneza
E do Adige contemplou a correnteza
Sem o mais leve indicio de fadiga.

Anda agora, coitada, mendigando...
De porta em porta, tremula e chorando...
E' muitissimo infeliz essa mindiga!

Meu Pai

Meu pai!... meu pobre pai !... quanta saudade
Soluça na minh'alma envelhecida
Toda vez que pensando em minha vida
Sinto longe de mim tua bondade !...

Meu pai! de que me serve a mocidade
Se eu tenho a minha crença entristecida,
Porque não vejo a tua mão querida
Apontando-me a trilha da verdade !..

Meu Deus! são tão incertos os meus passos...
Fazei com que meu pai erga os seus braços
E mostre-me o caminho do porvir!...

Que desgraça viver tal qual eu vivo!
Sendo da sorte um misero cativo...
Melhor! muito melhor, não existir!

Natal, 8, 8, 37

Tedio

Ao Francisco Mario de Souza

Noite. Tudo é silencio. Minha amada
Repousa, junto a mim, tranquilamente...
Na rua a chuva bate lentamente
De minha pobre casa na fachada.

Abro a janela... Espreito a rua... Em cada
Esquina eu vejo a minha sombra algente...
Ao longe a passarada, alegremente,
Canta a lin'a canção da madrugada.

Fecho a janela... Ponho-me a escrever
Um nome que jamais hei de esquecer...
Sinto frio... Lembro me de alguem...

Em vão tento escrever o mesmo nome...
Minha mão treme... Choro... Sinto fome...
Ouço uma voz extranha... Olho... Ninguem !...

Natal, 2, 2, 937

Quero beijar...

Quero beijar teus labios tentadores
Para poder sentir quanto é sublime
O laço divinal que nos redime
Das hostes infernais dos pecadores...

Quero beijar-te, sim, por entre as flores
Da cadeia de amor que nos comprime
E faz com que este afeto mais se anime
Fazendo-nos sentir novos amores.

Quero beijar-te... os labios sorridentes
Para sonharmos sonhos inocentes
Sob a luz divinal desta paixão.

Quero beijar-te, amor, perdidamente,
Queimado na fogueira sempre ardente
Que fez se unir ao teu meu coração!

Natal, 31. 1, 938

Saudade

Ao Wilson Miranda

Saudade é tudo o que sentimos quando
Alguem a quem amamos loucamente
Parte para distante... tristemente...
Nossas crenças felizes... carregando...

Saudade são as nuvens deslizando
Pelo espaço infinito e transparente...
Velhos sinos vibrando e essa dolente
Canção de amor que te encontrei cantando.

Saudade!... aguas revoltas, cristalinas,
De minha terra – berço de salinas –
E as tristezas que vivem no meu peito.

Saudade!... velho livro do passado!
A palidez marmorea de um finado
E o meu ninho de amor todo desfeito!

Um desgraçado

Ao Manuel Maria de Vasconcelos

Aquele, amigo, sim, é um desgraçado;
E nem siquer maldiz a sua sina!
Toda a tardinha, encontro-o, mal trajado,
De volta da miserrima oficina.

Todo o seu pequenissimo ordenado
Vae perder no bazar da jogatina,
Sem se lembrar que em miserando estado
Chora com fome a filha pequenina!

Sua mulher, coitada, maldizente,
No berço embala a filha inda inocente
Que nem pronunciar lhe sabe o nome!

E nem sabe que o pai, embriagado,
Perde no jogo o ultimo cruzado
Que bem podia lhe matar a fome!

Natal, 4. 4, 936

Amava-a...

Ao Gilberto Tinôco

Amava-a, sim, amava-a cegamente...
Fazia tudo o que ela me pedia;
Quando a via sorrir tambem sorria
E então era feliz, vendo-a contente.

Quando ás vezes, á noite, sorridente...
Ela aqui nesta sala aparecia;
Muitas juras de amor eu lhe fazia
Enquanto ela me olhava indiferente.

Amava-a muito, sim, não nego, amava-a...
Quando a via tristonha eu abraçava-a
Contemplando a sorrir o seu olhar...

Era ela o meu sofrer – minha alegria!
Ah! eu cantava quando ela sorria
E ela sorria pra me ver chorar!...

Natal, 6, 7, 937

Rosa-Maria

Ao Geraldo Fernandes

Foi naquela taberna escura e fria
Que uma noite encontrei – pobre coitada !
Completamente núa e alcoolizada
A linda meretriz Rosa-Maria.

Sobre u'a mesa de pinho ela dormia...
Como estava, meu Deus, a desgraçada !
Na sua face calma e delicada
Um sorriso banal se destinguia.

Muito triste, surpreso, alucinado...
Vi nos seus labios frios, estampado,
O fantasma cruel da maldição !...

Do seu corpo nos traços mais formosos
Contemplei a tristeza dos leprosos
E o riso escarneo da putrefação !

Natal, 4, 4, 937

Retrato de Peri Pires

Ao brilhante conjunto musical «Bando Alegre»

Moço, moreno, palido e franzino,
Com ares de doutor recem-formado
Peri – sempre bondoso e delicado
Faz loucas peraltices de menino.

Na volta da conquista é cabra fino.
Ninguem mais do que ele namorado
tem com moças bonitas, mas... coitado,
Não sabe ser feliz—não é cretino!

No «Bando Alegre» ás vezes quando canta
A sua voz tem harmonia tanta
Que nos enche de amor e magestade!

Peri é mesmo um tipo inteligente
Oue vive sempre a rir gostosamente
Conquistando as meninas da cidade...

Natal, 8, 12, 937

Morte

Ao João Moacir de Medeiros

Morte—prolongamento infinito da vida !
Estrada que se alarga á estrada que oje piso...
Sono descomunal onde não é preciso
O sonho que atormenta e traz a alma iludida.

Morte - noite de horror infinda e incompreendida
Onde não vive a dôr, onde não se ouve o riso,
Onde somente o sono existe... Eu profetiso.
Morte—pagina que só mesmo uma vez é lida !

E' um misterio profundo o misterio da morte !
O homem — misero ser convencido que é forte —
Sobre ele nada pode orgulhoso dizer.

Ah ! é que a morte é toda um misterio divino !
O homem não passará, na vida de um menino
Perante a escuridão tranquila do não ser.

Natal, 6, 8, 937

Soneto

Vivo agora a chorar, mulher querida,
Trancado no meu quarto de estudante,
Sem de ti me esquecer um só instante
Na tristeza maior de minha vida!

A minhalma, coitada, constrangida
Com este meu sofrer, busca, ofegante,
Em ti um lenitivo ó minha amante
Para a minha tristeza tão dorida.

Quando adormeço, amor, sonho contigo
Chorando sobre a lousa de um jazigo
E desperto, querida, alucinado!

Não posso compreender meu sofrimento
Porque vive o meu triste pensamento
Com a tua beleza preocupado!

Natal, 5, 9, 935

Minha mãi

Minha mãi ! minha mãi ! quanta alegria
Eu sinto quando ás vezes ao teu lado,
Contemplo esse teu rosto delicado
Que encerra tanto amor, tanta poesia.

Sem ti ô minha mãi, eu sofreria
As incertezas de um desesperado
E com o coração despedaçado
De dor e de saudade eu morreria.

Tu és ó minha mãi, meu doce encanto,
A terna musa que eu adoro e canto
Nestes versos que teem tristeza tanta!

Tenho um altar aqui dentro do peito
O..de vive sorrindo satisfeito
Teu espirito candido de santa!

Natal, 9, 5, 936

Sejas forte no amor !...

Sejas forte no amor, virgem bondosa !
Caminha sem temor aos dissabores
Que as tormentas do amor são lindas flores
Que ornam a vida da mulher formosa.

Duas estradas ! Uma—pedragosa ;
A outra—rica de lirios multicores.
Sejam como a primeira—teus amores,
Constantes como a pedra, Inês mimosa.

Não penses nunca na segunda estrada !
O lirio é muifo fragil, minha amada ;
Não tem da pedra a mesma duração.

Sejas forte ! Não temas a amargura !
Pois deve ser a tua formosura
Sincera escrava do teu coração.

Natal, 3, 1, 938

Aquela mulher...

Ao Rivaldo Pinheiro Borges

Aquela mulher, coitada !
Foi outrora uma princeza
Fascinante de beleza,
Muito loura e delicada.

Anda agora sem riqueza...
Pela rua alcoolizada,
Quasi morta de fraqueza
E por todos desprezada.

Dorme sosinha ao relento...
O' meu Deus que triste sorte
O' que grande sofrimento!

Não ha ninguem que conforte
A marcha que, lentamente,
Ela empreende para a morte.

Natal, 6, 8, 934

Maguas de um louco

Ao Luiz Maranhão Filho

Amei... O meu amor foi o longo martirio
Onde sorvi chorando a taça da amargura...
Porque ingenuo supuz que essa mulher perjura
Tivesse a candidez e a fragrancia do lirio.

Hoje vivo tristonho e calmo como um cirio.
E indiferente ao amor, ao luxo... á formosura...
Muitas vezes chorando a minh'alma procura
A causa desta dor que é tambem meu delirio.

Sofro porem não amo a ninguem neste mundo...
E jamais amarei pois um sofrer profundo
Ainda vive em mim, aqui no coração.

Amei porque supuz haver felicidade
No olhar dessa mulher—que tremenda inverdade!
Era tudo ilusão, ilusão... ilusão...

Natal, 9, 1, 937

Um amor na primavera

Cantei sorrindo na estação das flores
Tua alegria juvenil e pura,
Teu olhar... toda a tua formosura
Alegre serafim dos meus amores !...

Nos teus sorrisos ternos, dissabores
Não encontrei... Vaguei na doce altura
Do sonho e da poesia que ventura !
Que quadra de celestes explendores !...

Cantei, sorri, amei—fiz tudo enfim,
Deitado nos teus braços de marfim...
Entre rosas e passaros cantores !...

Outro tempo como esse—quem me dera !
Pois quando terminou a primavera
Foi-se a minha alegria como as flores...

Natal, 4, 2, 937

Aos sofredores

Para a coleção de versos do meu inteligente amigo Creso Gomes Teixeira

Quem vive assim como eu a mocidade
Vergado ao peso de tamanha dor,
Procura o beijo da felicidade
Nos labios virgens de um sagrado amor.

Meu coração—asilo da saudade--
Já não pode siquer ser sonhador...
Vive triste e a chorar nesta anciedade
De encontrar um perfil consolador.

Ha de encontra-lo, um dia, certamente,
E com ele viver alegremente,
Numa casinha á margem de um caminho,

Onde toda manhã, a passarada,
Venha cantar o hino da alvorada,
Cheia de amor, de luz e de carinho.

Natal, 8, 6, 936

A vida e a morte

Ao Pedro Amorim para ser colocado no seu album de sonetos

A vida é escura e má, a morte é clara e boa
Para aquele que julga um bem o devaneio...
E vive da familia afastado do seio,
Uma vida sem luz e horrivelmente atoa...

O contrario ac mpanha a humilde pessoa
Que adorando Jesus caminha sem receio
Pra morte que agora é cristalina e o meio
De se encontrar do céu a divinal coroa.

Éu que vivo a chorar tua ausencia, querida,
Penso que a vida é a morte e que a morte é a vida...
E tu o lindo céu que á minh'alma abençoa !..

Portanto eu quero a morte ó minha namorada !
Quero do teu olhar a santa luz dourada
Que a vida é escura e má e a morte é clara e boa...

Natal, 9, 8, 936

Versos a uma virgem

Para o album de sonetos de José Candido Filho

Dizia o rio assim : Sou muito pobre,
Não tenho joias para te oferfar !...
E uma cascata de aguas côr-de-cobre,
Logo assim que te viu, poz-se a chorar..,

Dizia o vale : A brisa não descobre
Teus lindos seios da côr do luar !...
E um poeta a sorrir, — disse : Sou nobre,
Vem pois sobre os meus braços repousar.

E a lua muito palida – dizia
Fitando a tua face delicada :
Tu és todo o meu céu – minha alegria !

E uma estrelinha muito apaixonada :
Um beijinho...—chorando te pedia
O' minha encantadora namorada !

Natal, 5, 4, 935

Versos
á uma leviana

O' tu que tens no olhar um mundo de tristeza
E um sorriso de amor nos labios estampado,
Porque zombas de mim ? !—tristonho apaixonado
Que vive a enaltecer, mulher, tua beleza !

Bem sabes que em meu peito existe sempre acesa
U'a fogueira de amor que se alimenta em cada
Pensamento que tenho em ti ó minha amada—
Mulher que tem no riso orgulho de princesa...

Ó tu sabes de tudo o quanto eu hei sofrido
Neste revolto mar tristonho e denegrido...
Onde procuro em vão a luz do teu olhar !

Porem foges de mim... Será esta a razão ?—
Eu tenho para o amor meu nobre coração
E tu não tens, mulher, o teu capaz de amar !...

Natal, 8, 6, 935

POEMAS

Lamentos de um simples

Ao João Wilson Mendes Melo

Entrei no mundo quando a vida era
Para todo mortal uma quimera...
Feliz passei os meus primeiros anos,
Entre salinas, rindo e a cantar...
Sem um momento, ao menos, me queixar,
De tédio de amargura ou desenganos!

A's vezes, contemplando a natureza,
Eu ficava «embebido na beleza»,
Do explendido luar do meu torrão...
E adormecia alegre e satisfeito:
A alva areia da praia era o meu leito,
De alegria, de amor e sedução!...

Porem os anos foram-se. Eu ando,
Agora, pelo mundo, á sós, vagando,
Como aquele judeu da santa historia:
Se peço um pouco d'agua — dão-me fel!...
E assim desempenhando o meu papel,
Inda espero encontrar a eterna gloria...

Sofro de uma doença que maltra a,
De uma maneira horrivelmente ingrata.
Toda a minhalma triste e sonhadora!...
E quando cerro os olhos - que tristeza!
Vejo uma vela tristemente acesa,
Sobre a minha esperança salvadora!

Tenho tedio; medonhos pesadelos;
Nostalgia... paixão... Os meus cabelos,
Um a um, já se vão embranquecendo...
Sou como uma ave triste e perseguida,
Que quando julga salva a sua vida,
Sente todo o seu corpo em chama ardendo...

Minha Mãi, toda cheia de bondade,
Me diz sorrindo que a felicidade,
E' tão formosa como o mal-me-quer...
Porem, eu lhe respondo, assim, chorando:
—A ventura que eu ando procurando,
E' o amor divinal de uma mulher!...

Um amôr de D. João

Ao José Gonçalves de Medeiros

Um dia eu penetrei numa casa burguesa
E vi num rico leito, a dormir, a princesa
Das mulheres que amei de todo o coração!...
Dela me aproximei sorrindo e a cantar
Toda a santa beleza eterna do meu lar
Ao som embriagador de um choroso violão...

Surpresa elá acordou... Seu semblante tristonho,
Tão lindo! parecia um semblante que em sonho
Eu vi subir ao ceu nas azas de um condor...
Um momento siquer meus olhos não deixaram
De contemplar seu corpo... Os labios meus cantaram
Nos seus labios a valsa augusta desse amor !...

Muito tempo eu passei sorrindo entre os seus braços
Que ao meu tristonho olhar representavam traços...
Formosos... divinaes... alvos como o luar !
Nesse momento olhei ao meu viver corruto ;
Senti meu coração... antes perverso, bruto
Num lindo anjo de amor todo se transformar !

Dessa moça ao amor fiquei abandonado...
E logo adormeci ao seu corpo, ligado,
Julgando-me do mundo o jovem mais feliz...
Meu sono foi ligeiro e bastante profundo.
Ao despertar notei que havia dado ao mundo,
Pra sua coleção mais uma meretriz.

Natal, 8, 6, 935

Minha Terra

Ao Bento Rabêlo

Minha terra é um paraiso...
Minha terra é um sorriso
Do meu santo protector!
Ela é tão formosa e calma...
E vive dentro em minh'alma
Cheia de luz e de amor...

Minha terra tem coqueiros,
Nos seus lindos taboleiros,
Que vivem a se embalar !...
E tem formosas cascatas
Nos seios de verdes matas,
Que vivem sempre a chorar...

Minha terra tem morenas,
Formosas como açucenas,
Que ficam sempre a cantar...
Debruçadas nas janelas
De casinhas amarelas...
Quando é noite de luar !

Minha terra é um paraiso...
Minha terra é um sorriso
Do meu santo protetor !...
Ela é tão formosa e calma...
E vive dentro em minh'alma
Cheia de luz e de amor !

Natal, 6, 3, 936

Lamentos e Suplicas

Ao Cicero Mendonça

Sou triste, tu bem sabes, moreninha...
Como o terno cantar de uma andorinha
Ou como a solidão...
Ou como a vaga que ao quebrar-se deixa
A branca espuma que é talvez u'a queixa
Que o mar atira ao chão!

A minha voz até parece o canto
De um triste passarinho... Tem encanto
Qual um hino de amor!
Tem segredos, tem maguas, tem loucura.
Tem o riso infernal desta amargura
Que mata-me de dôr!

Não sabes ó mulher como suspira
Ao som gemente desta pobre lira
Todo o meu coração?!..
Ele sente um sofrer que não se acalma
Ele escuta os soluços de minh'alma
Como a uma oração...

Formosa, quero ouvir o teu cantar!
A tua voz divina de encantar!
A tua voz, amor!
Canta ao som divinal da tua lira
Como a ave saudosa que suspira
Antes do sol se pôr...

Canta, ó minha formosa namorada,
Daquela noite linda e perfumada
A vibrante canção!
Canta doce morena de minh'alma!
Canta que a tua voz tão meiga e calma
E' a luz desta paixão!

Canta ó minha linda moreninha,
Tristonha como o canto da andorinha
A canção desta dor!...
Canta ao som divinal da tua lira
Como a ave saudosa que suspira
Antes do sol se pôr!...

Natal, 11, 5, 937

Tristeza

Ao Edward de Almêda Montenegro

Tristeza, minha velha companheira
Quero viver contigo a vida inteira...
Unidinhos assim como sempre vivemos
Neste mundo tão cheio de amarguras...
Sem ligarmos ás miseras creaturas
Que não teem os pezares que nós temos.

Tu bem sabes ó minha irmã—tristeza!
Quantas vezes olhando a correnteza
Do rio de miserias deste mundo,
Lamento a minha vida miseranda...
E presa de uma força formidanda
Caio em teus braços num sofrer profundo...

Tristeza—minha amiga tão querida!
Não posso suportar mais esta vida...
Desejo ser feliz—quero sonhar!...
Deitado no teu colo feiticeiro,
Sob o teto humilde e prazenteiro
De um pequenino e carinhoso lar...

Tristeza eu quero ter um seio virgem
Onde do amor na divinal vertigem
Eu possa bendizer mocidade...
E não venha sofrer mais um momento
O peso deste imenso sofrimento
Que constitui minha infelicidade.

Tristeza—minha irmã... eu sofro tanto...
Porem ninguem, ouvi o meu pranto... ninguem,
Só tu choras comigo, minha irmã!
E vendo-me tão palido e alquebrado...
Ficas horas inteiras ao meu lado
Tentando dar-me uma alegria vã...

Tristeza—minha amiga verdadeira!
Quero viver comtigo a vida inteira...
Apraz-me o teu amor, tua nobreza!
Não quero ser feliz, quero sofrer!
Pois amo loucamente a este viver...
O' minha boa irmã, minha tristeza!

Natal, 5, 6, 937

INDICE

Meu Livro 17
Sonho e Realidade 19
Essa Mulher 21
Meu Pai 23
Tedio 25
Quero beijar... 27
Saudade 29
Um desgraçado 31
Amava-a... 33
Rosa-Maria 35
Retrato de Peri Pires 37
Morte 39
Soneto 41
Minha Mãi 43
Sejas forte no amor!... 45
Aquela mulher... 47
Maguas de um louco 49
Um amor na primavera 51
Aos sofredores 53
A vida e a morte 55
Versos à uma virgem 57
Versos a uma leviana 59
Lamentos de um simples 63
Um amor de D. João 67
Minha Terra 69
Lamentos e Supplicas 71
Tristezas 74

Errata

Devido a falta de revisão deste livro que foi composto quando estava sendo impresso nesta tipografia "Ciranda de Emoções", do poeta Genar Wanderley, pedimos ao leitor que desculpe as faltas de acentuações graficas que foram motivadas pela falta de tipos e corrija os seguintes erros :

Leia-se Versos a uma Leviana sem a crase na pag. 59.

Na pag 75 em vez de Eu possa bemdizer mocidade, leia-se Eu possa bemdizer a mocidade.

Na pag. 76 em vez de Porem ninguem ouvi o meu pranto... ninguem, leia-se Porem ninguem, ninguem ouvi o meu pranto.